

O SENTIDO ANTROPOLÓGICO DE DONS E DÁDIVAS ENTRE GRUPOS DE USUÁRIOS DE CRACK E OUTRAS DROGAS

ROBERTA ZAFFALON FERREIRA¹; ANA CÂNDIDA LOPES CORRÊA²;
POLIANA FARIAS ALVES³; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁴

¹*Doutoranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem/UFPEL –
betazaffa@gmail.com*

²*Doutoranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem/UFPEL –
analopescorrea@hotmail.com*

³*Mestranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem/UFPEL –
polibrina@hotmail.com*

⁴*Professora Doutora da Faculdade de Enfermagem UFPEL – mandagara@hotmail.com
(orientadora)*

1. INTRODUÇÃO

Desde a sua chegada no Brasil, com primeiros relatos de uso em São Paulo/SP em meados da década de 80, até a sua popularização, o crack ocupa cada vez mais espaço na mídia, na sociedade em geral e nas políticas públicas, seja de saúde ou de segurança. É tratado no meio midiático como “epidemia”, representando a ideia de sua extensão como problema de saúde pública e no contexto social (MELOTTO, 2009).

Apesar de as estatísticas apontarem uma diferença importante entre número de pessoas que consomem crack e pessoas que consomem outros tipos de drogas (sejam lícitas ou ilícitas), ainda que não seja a mais consumida, o consumo do crack e da cocaína podem gerar grandes impactos sociais, cada vez mais evidentes em nosso meio, tais como: maior número de hospitalizações para tratamento, subemprego e desemprego, violência, vitimização e gastos com o sistema carcerário, estigma e isolamento social, perdas familiares e intenso sofrimento social (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

Os usuários de crack são comumente marginalizados e apontados como sem valor, com tendência a serem excluídos do convívio social, fato que leva esta população criar grupos para consumir a droga, formando as populares cracolândias.

É possível que, diante deste contexto que demonstra o preconceito vivido por estas pessoas, compreenda-se melhor o ato comum de consumir a droga em grupo, como referido por ALVES, RIBEIRO E CASTRO (2011), pois esta é uma prática comum desde o surgimento do crack nos Estados Unidos, onde a droga era produzida de forma caseira e consumida em grupos, dentro de casas, com graus variados de abandono e precariedade (conhecidas por *crack houses*). Estas relações e convívio que acontecem em grupo podem ser mais bem compreendidas por meio da construção do laço social, uma das características mais marcantes na teoria do dom, onde estes laços excedem os valores de mercado ou contrato normalmente impostos dentro da sociedade (CAILLÉ, 2002).

As pesquisas no âmbito sociocultural e antropológico sobre o uso do crack procuram descrever esse contexto de vida e os comportamentos típicos dos consumidores, sendo a antropologia uma ferramenta importante para conhecer em profundidade os fenômenos sociais atrelados a pessoas que usam drogas (RIBEIRO; NAPPO; SANCHEZ, 2012).

A teoria dos dons e dádivas, escrita por Marcel Mauss, deu fundamentação teórica a este estudo. Entende-se por dom ou dádiva tudo que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado e nem à violência física. É o que circula em prol do ou em nome do laço social (GODBOUT, 1998).

Assim, este estudo objetivou conhecer o sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas dentro das cenas de uso.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa é um recorte de dissertação vinculada ao projeto “Perfil dos usuários de crack e Padrões de uso na cidade de Pelotas-RS”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Consiste em um estudo qualitativo com abordagem etnográfica que utilizou como referencial teórico a teoria dos dons e dádivas do sociólogo Marcel Mauss.

Foi desenvolvido no Município de Pelotas/RS no período de dezembro de 2012 a julho de 2013, possuindo como método de coleta de dados a observação participante, diálogo e registro em diário de campo. As observações foram realizadas em grupos de usuários de crack e outras drogas formados em locais públicos e privados do município. Os participantes do estudo foram pessoas que faziam o uso de crack e outras drogas no cenário de uso de drogas, havendo uma aproximação maior com 13 pessoas ao longo do estudo.

A análise dos dados apresenta-se embasada no Interpretativismo de Clifford Geertz. O projeto “Perfil dos Usuários de crack e padrões de uso” foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e teve aprovação sob o Parecer no 301/2011.

Aos sujeitos do estudo, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentando o objetivo da pesquisa e garantido o anonimato sobre as informações fornecidas por eles e o livre acesso aos dados e resultados alcançados. Todos os sujeitos foram identificados com nomes fictícios, assim como o nome dos locais observados, respeitando os preceitos éticos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações mais intensas aconteceram em quatro locais da cidade, sendo um deles uma residência particular (casa do Pedro) e os demais em espaços públicos (Rua da Cidadania, o Beco e o Cemitério Recanto da Saudade), todos situados em diferentes bairros de periferia da cidade. Apesar de os locais apresentarem-se distantes geograficamente um do outro, todos possuíam algo em comum, a pobreza, presença intensa de lixo, falta de saneamento básico, energia elétrica precária ou ausente. A etnografia concentrou-se nestes ambientes devido à facilidade de se encontrar grupos formados por pessoas fazendo uso de crack e outras substâncias psicoativas.

Esta etnografia desvelou que os usuários de crack possuem diferentes formas de viver, de se adaptar e de se organizar como grupo. As cenas de uso criadas por esta população não são configuradas apenas como local único e

exclusivo de consumo de drogas, elas também servem como abrigo e ponto de encontro entre pessoas. Os usuários inseridos nesses grupos mostram-se contrários às imagens vendidas nos grandes veículos de comunicação, havendo entre eles uma rede de solidariedade que resulta em um trabalho coletivo na tentativa de amenizar as adversidades encontradas nas ruas. Alguns denominam-se livres e nômades, sem vínculos a grupos. No entanto, de diferentes formas estão quase sempre próximos, prezando pela saúde e relações de ajuda e solidariedade. Os usuários de crack, na falta ou escassez, dividem e compartilham droga, roupas ou comida, na incerteza do retorno do bem.

Dessa forma acredita-se que a teoria do dom permeia imensamente as relações no presente; no momento em que estão no grupo, mostram-se solidários em certas situações, lutam para vencer o estigma e o preconceito, dividem e doam a pedra, quando necessário, sem a certeza do retorno, organizam-se e buscam ajudar no cuidado da saúde dos mais debilitados.

4. CONCLUSÕES

Com a realização deste estudo foi possível compartilhar e desmistificar um modo de vida tão particular e invisível dos usuários de crack e outras drogas aos olhos da grande população. Sem a intenção de generalizar, buscou-se valorizar a singularidade de cada pessoa acompanhada mais de perto e a organização como grupo, mostrando as diferentes trocas e alianças constituídas.

Ao longo deste caminho e tempo de observação constatou-se, que em diferentes situações as relações de troca/doação são o que mantém o grupo como grupo. O grupo assume papel acolhedor na ausência de laços familiares e amigáveis e, nestes locais de uso, as pessoas sentem-se de fato em condições de igualdade e longe de recriminações e julgamentos.

As mudanças só começarão a aparecer no contexto destas pessoas, no momento em que as políticas de atenção e assistência que envolvem esta população passarem a ser prioridades dos gestores. Para isso faz-se necessário valorizar estudos de contexto social e cultural dos cenários de uso de forma integrada a dados epidemiológicos e estatísticos, na intenção de compreender o fenômeno do uso de drogas, facilitar a imersão de diferentes atores neste contexto, a aproximação de diferentes áreas do conhecimento, para que se produzam meios mais eficazes de abordagem, aproximação e vínculo com esta população, proporcionando, sobretudo, acolhimento de suas necessidades, que em muitos momentos apareceram negligenciadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, H.N.P.; RIBEIRO, M.; CASTRO, D.S. Cocaína e crack. In: DIEHL, A.; CORDEIRO, D.C.; LARANJEIRA, R. (Org.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.170-79.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução No 466 de 12 de dezembro de 2012**: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 2012.

CAILLÉ, A. **Antropologia do dom**: o terceiro paradigma. Petrópolis: Vozes, 2002. 325p.

GODBOUT, J.T. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.13, n.38, 1998.

MELOTTO, P. **Trajetórias e usos de crack: estudo antropológico sobre trajetórias de usuários de crack no contexto de bairros populares de São Leopoldo-RS**. 2009. 94f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIBEIRO, L.A.; NAPPO, S.A.; SANCHEZ, Z.V.D.M. Aspectos Socioculturais do Consumo de Crack. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. (Org.). **O tratamento do usuário de crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.50-56.